

## Usina Hidrelétrica Estreito do Parnaíba: impactos ambientais e sócio-culturais na cidade histórica de Amarante [Piauí], Brasil

### Alcília Afonso de Albuquerque Costa



Doutora em Projetos Arquitetônicos pela ETSAB / UPC (Barcelona, Espanha). Professora Associada do curso de Arquitetura e Urbanismo do DCCA / CT / UFPI. Teresina [PI], Brasil. <kakiafonso@hotmail.com>.

### Samara Veloso Saraiva



Pesquisadora bolsista do PIBIC / CNPq. Aluna de graduação em Arquitetura e Urbanismo do DCCA / CT / UFPI. Teresina [PI], Brasil. <samaraveloso@hotmail.com>.

CONPADRE'2010. Apresentado no 5º Seminário de Arquitetura Rural [Conpadre n.01/2010], Conferência Internacional sobre Patrimônio e Desenvolvimento Regional. Campinas e Jaguariúna [Brasil].

### Resumo

Este texto que se intitula “Usina hidrelétrica Estreito do Parnaíba: impactos ambientais e sócio-culturais na cidade histórica de Amarante [Piauí], Brasil” pretende abordar a questão da preservação do patrimônio da cidade de Amarante, apresentando conteúdo de forma original e inédita, em nível nacional e internacional. Os dados expostos e as análises realizadas são referentes a uma importante cidade, localizada no interior do Estado do Piauí, que terá seu centro histórico destruído devido à inundação causada pela construção da Usina Hidrelétrica – UHE – do Estreito do Parnaíba, a ser implantada no município. A sessão temática pertinente ao mesmo, neste evento, será a de número 3, que está voltada para as discussões sobre trabalhos na área do Patrimônio e Recursos Hídricos, Energéticos e Ambientais para o Desenvolvimento Regional. O texto abordará questões pertinentes à relação intrínseca entre “Patrimônio, Memória e Desenvolvimento Regional”, procurando contribuir para o tema principal do 1º. CONPADRE – Conferência Internacional sobre Patrimônio e Desenvolvimento Regional –, que visa aprofundar temáticas relacionadas com “Paisagens da Produção: Indústria, Cultura e Natureza”.

### Palavras-chave

Paisagem cultural, memória, preservação ambiental.

## Hydroelectric Parnaíba Strait: environmental and socio-cultural impacts in the historical town of Amarante [Piauí], Brazil

### Abstract

This text is entitled “Hydro Parnaíba Strait: environmental and socio-cultural impacts in the historical town of Amarante [Piauí], Brazil” aims to address the issue of preserving the heritage of the town of Amarante, presenting content in an original and unprecedented, nationwide and internationally. The exposed data and analysis are carried out relating to a major city, located within the State of Piauí, which will have its historic center destroyed due to flooding caused by the construction of the Hydroelectric Plant – HPP Parnaíba Strait –, to be implemented in the town. The thematic session relevant to it, this event will be the number 3, which is focused on discussions of papers in the area of Heritage and Water Resources, Energy and Environmental Regional Development. The text will address issues pertinent to the intrinsic relationship between “Heritage, Memory and Regional Development”, aiming to contribute to the main theme of the 1st. CONPADRE – International Conference on Heritage and Regional Development –, which aims to explore issues related to “Landscapes of Production, Industry, Culture and Nature”.

### Keywords

Cultural landscape, memory, environmental preservation.

## Introdução

Este texto que se intitula “Usina hidrelétrica Estreito do Parnaíba: impactos ambientais e sócio-culturais na cidade histórica de Amarante [Piauí], Brasil” pretende abordar a discussão entre paisagem e memória relacionada ao desenvolvimento econômico e tecnológico proveniente da construção de barragens e usinas hidrelétricas, que vem causando impactos irreversíveis ao meio-ambiente, natural e construído.

Tem como estudo de caso, a cidade histórica piauiense de Amarante, conhecida como a “cidade poética do Piauí”, que terá seu centro histórico destruído devido à inundação causada pela construção da Usina Hidrelétrica – UHE do Estreito do Parnaíba –, a ser implantada naquele município.

Com a construção desta Usina, com capacidade de gerar 86 MV, e investimento orçado em R\$ 521,6 milhões, a área de alagamento para a construção da barragem, será o equivalente a 17,22 km<sup>2</sup> e 136 casas serão atingidas. Deste quantitativo de imóveis, observa-se que todos pertencem a um dos mais significativos sítios arquitetônicos do Estado do Piauí.

## A cidade de Amarante e sua paisagem cultural

### Localização

A cidade de Amarante está localizada à margem direita do rio Parnaíba, fazendo parte da microrregião do médio Parnaíba, macrorregião Meio-Norte, distante da capital, Teresina, 126 km (Figura 1). Possui uma latitude 06°14'28" sul e a uma longitude 42°51'17" oeste, estando a uma altitude de 104 metros e sua população é estimada, em 2004, em 17.067 habitantes.



**Figura 1.** Amarante [Piauí], cidade banhada por três rios. Fonte: Google Earth. Imagem de satélite. Adaptação: Samara Veloso.

Amarante compõe juntamente com mais trinta municípios, o território de desenvolvimento denominado “Entre Rios” (Figura 2), onde se pode observar a prevalência dos setores de comércio e serviços, principalmente em função da proximidade e presença da capital estadual, Teresina.

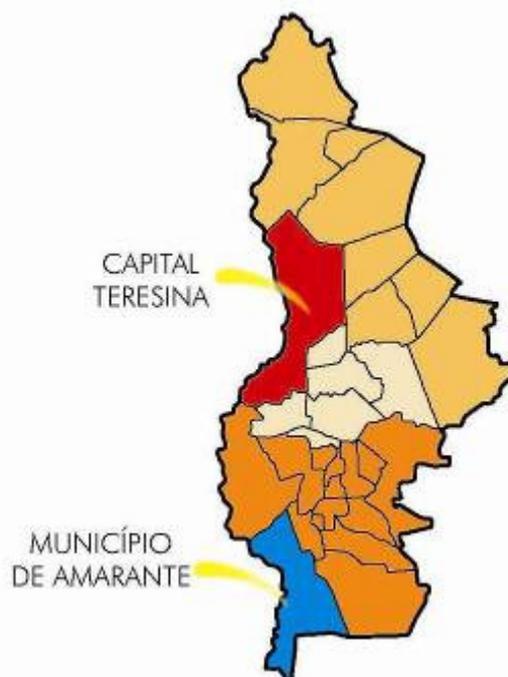


Figura 2. Mapa da região piauiense de “Entre Rios”. Fonte: <heruigbbuybudfbcbucuhsvbyufv>. Adaptação: Samara Veloso.

### A história da Cidade de Amarante

PEREIRA (2008, p.119) escreveu que a origem da cidade de Amarante (Figura 3) surgiu do comércio fluvial realizado através do rio Parnaíba, que facilitava tais atividades, realizadas entre as províncias do Piauí e do Maranhão. Naquele local havia anteriormente um lugarejo, a vila São Gonçalo Velho, antes denominada Aldeia de São Gonçalo dos índios.

*A cidade de Amarante tem sua origem ligada às lutas de apesamento dos índios que habitavam a região. Por ali passavam também aventureiros à procura de ouro e de outras riquezas (RODRIGUES, 2001, p.191).*

RODRIGUES (2001) narra que foi através de Decreto Imperial, datado de 1832, que se criou a Vila de São Gonçalo de Amarante, posteriormente elevada à condição de cidade, a 4 de agosto de 1871, já com o nome Amarante.

*Houve uma rápida aglomeração urbana devido às terras – que apresentavam bons índices de fertilidade – e à localização geográfica – na confluência de dois importantes rios, o Parnaíba e o Canindé, fato que tornou Amarante um dos maiores entrepostos comerciais do interior do Piauí (RODRIGUES, 2001, p.191).*

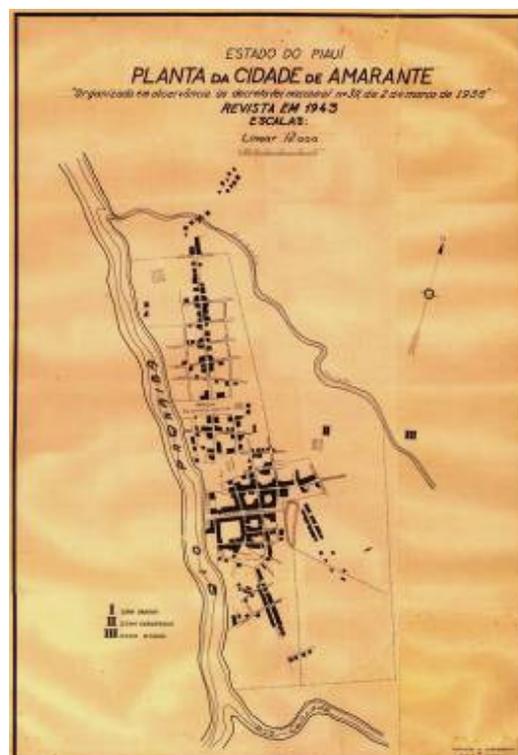
Nessa época, no estado do Piauí surgiram vários outros povoados que mais tarde se transformariam em vilas, cidades, empórios comerciais, e uma incipiente agricultura

com veleidades de comércio exportador, baseado no algodão e no fumo, conforme explica NUNES (2001, p.85).



**Figura 3.** Cidade de Amarante [PI]. Fonte: <[http://cirandinhapiauui.blogspot.com/2010/03/em-defesa-de-amarante\\_26.html](http://cirandinhapiauui.blogspot.com/2010/03/em-defesa-de-amarante_26.html)>.

A navegação fluvial no rio Parnaíba possibilitou o acesso ao comércio exterior, ligando alguns núcleos urbanos – como a nova capital piauiense, Teresina, Amarante e Parnaíba – diretamente com a Europa, libertando-o da cidade de São Luis do Maranhão.



**Figura 4.** Planta da cidade de Amarante, organizada em observância ao Decreto-lei nacional n.311 de 2 de março de 1938. Fonte: PEREIRA. 2008, p.118.

Segundo informações (PEREIRA, 2008, p.119), Amarante teria tido, tal como a nova capital piauiense – Teresina, fundada em 1852 –, um plano regulador (Figura 4) para o seu traçado entre os três cursos d'água, o Parnaíba, o Mulato e o Canindé, possuindo esquema de parcelamento, com lotes de frente para os logradouros que descem ao rio. Observa-se ainda que, a maioria das casas está voltada para esses arruamentos, conforme se pode constatar na Figura 5.



Figura 5. Parcelamento do solo do centro histórico da cidade de Amarante. Fonte: PEREIRA. 2008, p.118.

*A parte central da cidade tem características do período colonial. Suas construções e o traçado das ruas constituem uma réplica do estilo arquitetônico português do século XIX. Tem como atrativos turísticos a Casa de Odilon Nunes (museu), a Igreja de São Gonçalo, a Escadaria do Poeta, o Hotel Pousada Velho Monge e os Casarões em estilo colonial (RODRIGUES, 2001, p.192).*

Dessa forma, observa-se que Amarante, em sua evolução urbana, sempre foi relacionada ao rio Parnaíba, que a separa da cidade de São Francisco, pertencente ao estado do Maranhão.

Banhada pelos três rios – Parnaíba, Canindé e Mulato –, possui um solo fértil que possibilitou a implantação de diversas propriedades rurais. Amarante beneficiou-se de sua posição geográfica, na confluência destes rios, que a tornaram um dos mais importantes entrepostos piauiense (Figuras 6 e 7).

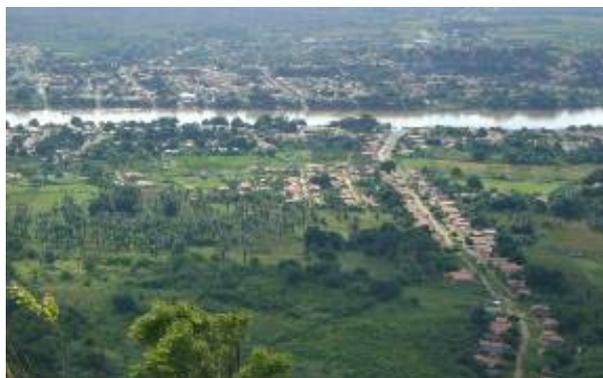


Figura 6. Vista aérea da cidade de Amarante [PI]. Fonte: Google Earth.



Figura 7. Imagem do Rio Parnaíba. Fonte: Fotografia de Alcilia Afonso.

O auge do desenvolvimento econômico e urbano de Amarante se deu nos primeiros anos do século XX, com o início das exportações de produtos do extrativismo, particularmente, a exploração da maniçoba. Também conhecida como mandioca-brava, a maniçoba é uma planta nativa da caatinga, encontrada nas encostas e serras de todo o Nordeste do Brasil, sendo a preferida entre as plantas forrageiras da caatinga.

No auge econômico da cidade o comércio fluvial apresentava um bom índice de crescimento. Nesse período foram projetadas casas de arquitetura eclética, que deram origem a um rico casario urbano, apresentando soluções projetuais e construtivas ricas, voltadas para o clima tropical semi-árido, que transformou a cidade em um dos mais importantes sítios arquitetônicos do estado do Piauí.

Muitos destes imóveis já se encontram inventariados e fazem parte do patrimônio cultural piauiense, através de tombamentos realizados pelo Departamento Estadual vinculado à Secretaria de Cultura.

Observa-se que, além da riqueza de sua paisagem natural e construída, que constituem a paisagem cultural amarantina, o lugar possui um importante acervo de bens imateriais.

Este acervo patrimonial é consequência do desempenho desta cidade como centro cultural regional, pois diversas escolas ali funcionaram no início do século XX, sendo a cidade, berço de alguns dos mais importantes intelectuais piauienses, tais como Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, o poeta Da Costa e Silva, o historiador Odilon Nunes, entre outros.

Sobre esta importante cidade histórica, pode-se afirmar que a sua preservação é de fundamental importância para a identidade cultural piauiense, podendo ser classificada como “paisagem cultural”, enquadrando-se na Portaria nº 127, de 30 de abril de 2009, do IPHAN, que instituiu a figura da Paisagem Cultural Brasileira.

Segundo esta portaria, essa nova modalidade de reconhecimento de valores de sítios e paisagens de significação cultural é aplicável a porções peculiares do território nacional, representativas do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores.

A chancela da Paisagem Cultural Brasileira considera o caráter dinâmico da cultura e da ação humana sobre as porções do território a que se aplica, além de conviver com as transformações inerentes ao desenvolvimento econômico e social sustentável e valorizar a motivação responsável pela preservação do patrimônio.

O que causa preocupação no que diz respeito à preservação do acervo cultural de Amarante é a ameaça de desaparecimento por completo, através de inundação a ser causada pela construção da Barragem do Estreito do Parnaíba, que planeja inundar a área do centro histórico.

Tal fato tem causado repúdio no meio científico e intelectual piauiense, chamando a atenção para a falta de estudos de impactos ambientais nesta proposta.

A seguir, serão expostas informações que demonstram o valor arquitetônico e cultural da cidade de Amarante, visando a preservação da memória piauiense e brasileira, com a finalidade de informar e difundir a riqueza do mesmo, para que medidas sejam tomadas pelos atores que podem interferir para evitar a prática deste “crime” ambiental e cultural.

### **O acervo arquitetônico**

BARRETO (1975, p.201) escreveu que a “morada inteira”, esparramada, é a casa do Piauí, e observa-se que a cidade de Amarante é a que tem conservado de melhor forma este acervo. No local encontram-se vários exemplares, bem conservados, destas “moradas”, que possuem solução em planta composta de um corredor central de acesso, que se comunica com quarto e alcova, que se repetem para ambos os lados com a mesma disposição.

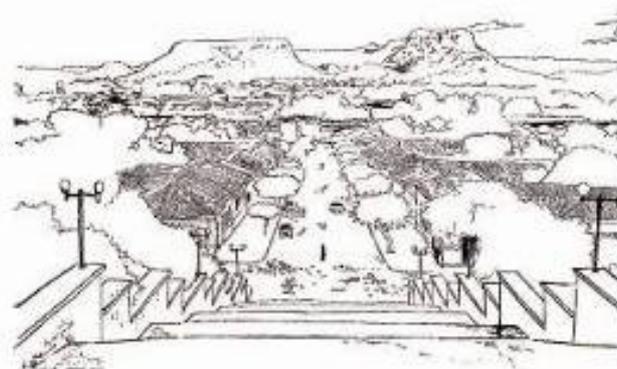
Uma varanda posterior arremata o bloco, que possui uma edícula de serviço, com cozinha, banheiro e depósito. Não existe recuo frontal e geralmente, as casas são geminadas. Um pátio interno, composto de poço, árvores frutíferas criam um micro-clima e um espaço de transição entre a área externa e interna.

Estas casas possuem paredes internas que não chegam até o teto, permitindo a ventilação constante do ar, deixando à mostra a solução dada à cobertura, que geralmente utiliza a madeira da carnaúba em vigas, ripas, reforçadas com troncos de pau d’arco. O tratamento dado ao revestimento dos pisos, em ladrilhos hidráulicos decorados com motivos geométricos e cores que contrastam entre si, forma ricos tapetes. As esquadrias destas “moradas” também são bem detalhadas. (Figura 8).



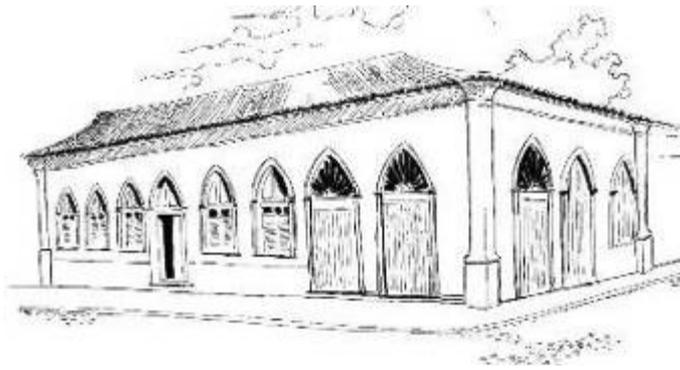
**Figura 8.** Detalhes das janelas das casas de Amarante, parte da riqueza a ser destruída. Fonte: Fotos de Alcilia Afonso, 2009.

É na rua principal do centro histórico da cidade de Amarante, a Rua Grande (figura 8) atualmente denominada Avenida Des. Amaral, que se encontra concentrado este rico acervo arquitetônico. Composto por casas típicas da arquitetura urbana piauiense, formada de “moradas”, cobertas por telhados cerâmicos, que criam um jogo plástico dinâmico e característico desta paisagem (Figura 9).



**Figura 9.** Vista do casario de Amarante [PI], com desenho realizado por Valério Araújo. Fonte: AFONSO & MORAES, 2009, p.33.

Outro ponto marcante nesta rua foi o tratamento paisagístico recebido, que a diferencia de demais cidades coloniais brasileiras, que não possuíam vegetação. Aqui, a rua recebeu plantio de árvores frondosas, como “oitizeiros”, que criam sombras para amenizar as altas temperaturas do local. A produção arquitetônica de Amarante refletiu através da trilogia tipológica residencial, comercial e hospedaria, a presença de edificações que mesclam estes usos (Figura 10), geralmente localizadas em esquinas, que denotam os aspectos socioeconômicos do núcleo urbano, que funcionou durante anos como um forte entreposto comercial regional, conforme foi visto anteriormente.



**Figura 10.** Um exemplar arquitetônico de uso misto de residência, comércio e hospedagem. Desenho realizado por Valério Araújo. Fonte: AFONSO & MORAES, 2009, p.33.

O casario amarantino é um dos mais preservados da arquitetura piauiense, despertando interesse pelo tratamento volumétrico recebido, caracterizado pela equilibrada proporção, e apurado detalhamento de esquadrias, trabalhadas com folhas de persianas de madeira, bandeiras ornadas em madeira e vidro, com arcos plenos e ogivais (AFONSO, 2009, p.34).

### As manifestações culturais

Como manifestações culturais típicas da cidade de Amarante, pode-se aqui citar as tradicionais festas do Divino, e o pagode de Amarante.

### O Pagode de Amarante

Como forte influência das manifestações populares tradicionais na cidade, tem-se o Pagode de Amarante, uma dança remanescente da cultura africana que é cultivada desde a escravidão no Brasil. Os escravos foram trazidos para o Piauí para trabalharem nas fazendas de gado, e como meio de sobrevivência às perseguições sofridas pelos feitores, foram se isolando em quilombos, local que propiciou também a retomada e o fortalecimento de suas identidades culturais. Em Amarante, ao longo do rio Canindé e Mulato, encontram-se comunidades quilombolas, como a comunidade Mimbó, que ainda tem como tradição esse ritual do Pagode, realizando-o em locais denominados “terreiros” (Figura 11).



**Figura 11.** O Pagode, a principal manifestação folclórica da comunidade quilombola Mimbó, Amarante [PI]. Fonte: <<http://agecom-ceut.blogspot.com/2009/04/mimbo.html>>.

*Todo esse patrimônio cultural (festas, dança, o complexo mítico-religioso) preservando a memória cultural africana, irá manifestar-se em locais próprios, reconquistados, os terreiros, em sua dupla dimensão: a dimensão religiosa, com as casas de candomblé, ligadas à cosmogonia africana; e a dimensão simbólica, o campo das dramatizações e festas nos espaços abertos ao lado das casas.*

*Pagode, então como um significado herdado da tradição cultural negra no Brasil, sentido esse genérico, abrangente, sinônimo de festa, reunião festiva, pagodeira, e Pagode de Amarante referindo-se especificamente à prática cultural comum no médio – Parnaíba, tendo o município de Amarante como pólo irradiador desta manifestação (SOBRINHO, 2010, p.03).*

O pagode é uma mistura de cantigas tradicionais ao som de tambores em que os participantes formam pares e improvisam rodopios e giros aleatórios. É uma dança de galanteios. A música tem som estranho, porém alucinante e sonoro, produzidos principalmente pelas matracas tocadas pelos homens, pela força dos tambores e pelos roçados dos corpos. Uma importante característica dessa manifestação é que sua realização se dar em ambiente próprio ou em locais onde se constata uma maior identidade cultural entre seus participantes.

### **A Festa do Divino**

A manifestação religiosa conhecida como a Festa do Divino e que celebra o Dia de Pentecostes é de origem portuguesa. Surgiu no século XIV após uma promessa feita pela rainha Dona Isabel, de Portugal, e ainda hoje é considerada uma das mais importantes festas da religião católica.

Como herança da colonização portuguesa a cidade de Amarante, todos os anos, comemora o dia de Pentecostes com a Festa do Divino. Segundo Castro (1993, p.109), a festa teve origem no início do século XX (com registros no ano de 1907), como encargo de famílias de operários.

A tradição em que um grupo de homens percorre os povoados fazendo os seus pedidos sendo sempre embalados por muita cantoria e carregando os símbolos do Divino manteve-se viva pela sucessão de uma dessas famílias de operários. Hoje, devido à beleza do cortejo e a vasta programação que o envolve, como as procissões, os concertos, as exposições e as serenatas que são realizados antes da Missa Solene, a tradição vem ganhando expressão e atraindo pessoas de vários outros locais.

Uma importante figura de todo esse cenário festivo é a Dona Josefa Pereira de Araújo, D. Dedé, uma tecelã e doceira que mantinha a sua festa nas orações em ambientes domésticos, envolvendo apenas as pessoas pobres e do bairro Vila Nova. Dona Dedé lutou pela perpetuação dessa tradição religiosa desde o início dos anos 40 até a sua morte em 1984.

Na cidade de Amarante existe o “Museu do Divino”, que foi criado em 2007 com sede em um antigo casarão (Figura 12), no qual ocorrem exposições de objetos e símbolos da Festa do Divino. O museu passou a ser um dos locais mais visitados da cidade,

tanto pelo seu valor folclórico atribuído, como pelo seu valor arquitetônico oriundo de uma arquitetura estritamente colonial. O espaço foi criado com o intuito de melhor informar e divulgar o verdadeiro significado da Festa do Divino, assim como perpetuar a tradição do povo amarantino. Além da cidade de Amarante, algumas outras cidades como Valença e Simplício Mendes, localizadas na região, também mantiveram a tradição da Festa do Divino por longos anos.



**Figura 12.** Entrada do “Museu do Divino”.

Fonte: <http://www.meionorte.com/amarante/passeio-virtual-no-museu-do-divino-em-amarante-86545.html>

## Poetas e Intelectuais

Outro importante valor que a cidade de Amarante possui é ter servido de berço a grandes intelectuais. O famoso poeta Da Costa e Silva (1885-1950) é natural do município, e autor do hino do Piauí e de vários poemas e poesias reconhecidas nacionalmente. Da Costa e Silva é a maior força da poesia telúrica do Estado, sendo denominado o “príncipe dos poetas piauienses”, um personagem de orgulho não só para o seu município, mas para todo o Estado.

Suas primeiras composições poéticas foram para a Revista do Grêmio Literário Amarantino, no ano de 1901. Poucos anos depois o poeta vai para a capital, Teresina, onde concluiu o curso preparatório no Liceu Piauiense e se muda novamente para Recife onde se forma em Direito. É autor de várias obras, tais como: Sangue (1908), Zodíaco (1917), Pandora (1919), Verônica (1927), entre outras. Convidado, passou a ser membro da Academia Piauiense de Letras logo após alguns anos da criação da mesma. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1950, depois de viver um longo período de profundo silêncio e de afastamento da produção literária.

Dedicou à sua cidade natal o poema intitulado “Amarante”, escrito em 1917:

A minha terra é um céu, se há um céu sobre a terra;  
É um céu sobre outro céu não límpido e tão brando,  
Que eterno sonho azul parece estar sonhando...  
Sobre o vale natal que o seio à luz descerra...

Que encanto natural o seu aspecto encerra!  
Junto à paisagem verde, a igreja branca, o bando  
Das casas, que se vão, pouco a pouco, apagando  
Com o nevoento perfil nostálgico da serra...

Com o seu povo feliz, que ri das próprias mágoas,  
Entre os três rios, lembra uma ilha, alegre e linda,  
A cidade sorrindo aos seus óculos das águas.  
Terra para se amar com um o grande amor que e tenho!  
Terra de onde tive o berço e de onde espero ainda  
Sete palmos de gleba e os braços de um lenho.

No livro *Zodíaco* (1917), Da Costa e Silva faz referências à sua terra natal, dedicando uma das 12 partes que compõem este livro para o Município de Amarante e denominado-a de “Minha Terra”. Os poemas presentes nessa parte do livro tiveram como finalidade satisfazer o desejo do poeta de trazer para junto de si as paisagens, os fenômenos naturais e os trabalhos dos seus conterrâneos. Assim como Da Costa e Silva, tem-se em Amarante o historiador Odilon Nunes (1899-1989) sendo também reconhecido nacionalmente pelo seu trabalho. Autodidata, teve sua vida dedicada à História e à Educação. Em Amarante, com o intuito de estimular a educação fundou o colégio Amarantino, passando a educar moral e intelectualmente os jovens da cidade pra a vida. Foi também professor e diretor da Escola Normal Oficial em Teresina e membro da Academia Piauiense de Letras.

Em homenagem ao historiador fundou-se em Amarante a Casa Odilon Nunes, que tem como sede a própria casa, reformada, do intelectual. Na casa existem peças, utensílios domésticos e móveis que retratam o cotidiano dos moradores da região de Amarante e que procuram com estas retratar a vida dos principais intelectuais da cidade como o próprio Odilon Nunes e o poeta Da Costa e Silva.

## Discussão

A grande contradição é gerada quando, por um lado, se possui um sítio cultural da magnitude do acervo natural e construído, material e imaterial da cidade de Amarante, e de outro, a construção de uma usina hidrelétrica, que para poder funcionar, gerando riqueza e novas oportunidades, terá que “inundar” toda uma história urbana e cultural.

O poeta e embaixador Alberto da Costa e Silva (2010) escreveu em seu blog sobre a hidrelétrica que vai inundar Amarante:

*Chega-me a notícia de que se pretende afogar nas águas de uma represa a cidade piauiense de Amarante. O autor da desastrada idéia não deve saber o que é belo ou lhe ter horror. Assemelha-se a quem planejasse destruir, em Minas Gerais, Mariana ou Tiradentes, ou aterrar, no Rio de Janeiro, a enseada de Botafogo (SILVA, 2010).*

Não haveria a possibilidade de se desenvolver uma proposta sustentável que levasse

em consideração os aspectos sócio-culturais, históricos e ambientais de tais áreas a serem inundadas? Os estudos realizados pelas devidas instituições não poderiam jamais ter desconsiderado tais aspectos.

A diversidade de atores públicos – União, Estado e Município – e privados (sociedade civil, comunidade, intelectuais, empresários, pequenos comerciantes), a dinâmica urbana e as vulnerabilidades identificadas demandam o estabelecimento de um pacto pela gestão compartilhada deste espaço (arts. 4º e 5º da Portaria 127/ IPHAN) que vem sofrendo descaracterizações, tanto no seu ambiente natural, quanto em seu ambiente construído que compõe o seu entorno imediato.

Observou-se neste processo para a construção da UHE Estreito do Parnaíba, que a comunidade intelectual piauiense, vem através de artigos, reuniões, discussões, demonstrando o seu repúdio a esta forma de desenvolvimento econômico. Continua o poeta Alberto da Costa e Silva em manifesto contra a inundação do sítio histórico:

*Amarante é um dos mais felizes matrimônios que conheço da natureza com as obras dos homens. Do alto da escadaria Da Costa e Silva, a visão é de tirar o fôlego. Um espetáculo inesquecível, como me repetem todos aqueles que, em minha companhia, de lá correram os olhos sobre o casario entrecortado de árvores, a descer para o rio Parnaíba e, na outra margem, a praia branca e os chapadões do Maranhão. Tampouco lhes sai da memória o passeio pelas ruas do centro histórico, com suas casas oitocentistas ou do início do século XX, algumas delas traduções sertanejas de estilos da belle époque, outras a nos mostrarem em sua simplicidade de linhas como pela vi a humilde se pode atingir a mais alta beleza (SILVA, 2010).*

Assim, pode-se questionar: Quais são os eixos de tensão e de disputa existentes nesta intervenção? Quais os atores que realizaram mediações culturais e políticas para a realização da mesma, e quais foram os fatores que estruturaram as relações entre tensões, conflitos, consensos deste território, que irá alterar de forma drástica a imagem da cidade histórica de Amarante?

Houveram algumas audiências públicas promovidas pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), para discutir o impacto ambiental da construção de cinco usinas hidrelétricas, com capacidade de 460MW, no rio Parnaíba, entre elas uma específica, nos dias 4 e 5 de março de 2010, na cidade em Amarante [PI] e São Francisco do Maranhão [MA], para discutirem sobre a hidrelétrica de Estreito.

Todas as audiências públicas contaram com a presença de diversas entidades, dentre elas o Fórum Carajás, uma teia de entidades do Maranhão, Pará e Tocantins que acompanha as políticas de projetos para a região. Segundo informações coletadas no site do Governo do Estado do Piauí, observa-se em matéria publicada por Viana (2007) que:

*Em todas as audiências, o Estado do Piauí, através dos técnicos da Semar, esteve presente participando das discussões ou oferecendo subsídios para o trabalho dos técnicos. A Empresa de Pesquisa Energética já realizou várias audiências públicas para ouvir as opiniões de técnicos, moradores e organizações não-governamentais que trabalham com meio ambiente, além de empresas do Governo e da iniciativa privada. Os estudos estão prontos e serão encaminhados aos órgãos do meio*

*ambiente, responsável pela pesquisa de impacto ambiental (VIANA, 2007).*

Nas pesquisas realizadas sobre a questão do impacto sócio-ambiental sobre a cidade de Amarante, não se encontrou nenhum questionamento por parte dos órgãos responsáveis pela fiscalização do meio-ambiente, relativo à preservação do sítio histórico amarantino. O que preocupa é ver que nas falas divulgadas pela imprensa, afirma-se que o processo desenvolvido até o momento é irreversível.

O que se considera sempre nas colocações investigadas sobre a discussão existente nas instituições fiscalizadoras é sobre a potencialidade energética do rio Parnaíba, conforme texto abaixo transcrito do site da Semar/Governo do Estado do Piauí:

*Estudos iniciais mostram que o Rio Parnaíba constitui-se no maior dos rios genuinamente nordestinos, possuindo 1.432 quilômetros de extensão, e sofrendo a influência das marés até cerca de 90 quilômetros a montante de sua foz. Desde a década de 1950, a bacia hidrográfica do Rio Parnaíba vem sendo objeto de estudos com vistas à determinação de seu potencial hidroenergético. Os primeiros estudos foram realizados no período de 1956 a 1958, pelo Departamento Nacional de Rios, Portos e Canais, objetivando um reconhecimento geral de suas possibilidades de aproveitamento, com finalidades múltiplas dos cursos d'água da bacia do Rio Parnaíba (GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ).*

Observa-se que, desde os anos 50 a bacia do rio Parnaíba vem sendo analisada para aproveitamento hidroelétrico. Nos anos 70, foram realizados pelo Comitê Coordenador de Estudos Energéticos da Região Nordeste, coordenado pelo Ministério das Minas e Energia/Eletronorte, os “Estudos Energéticos do Nordeste – Inventário Preliminar de Aproveitamentos Hidrelétricos em Diversas Bacias da Região Nordeste, Exceto a do Rio São Francisco”, inventariando, em caráter preliminar, os recursos hidroenergéticos da bacia, reconhecendo como possível e economicamente vantajosa, a utilização desses recursos no trecho médio do curso principal do Rio Parnaíba.

E nos dias atuais, tais estudos se concretizaram em projetos já em processo licitatórios para início das obras. Mas, o que se constata é que os devidos estudos de impactos ambientais não foram devidamente realizados, pois o que pode ocorrer com a cidade de Amarante é um erro irreparável.

Acredita-se que através de manifestações da classe cultural e intelectual piauiense, bem como da comunidade acadêmica, algumas ações ainda possam ser realizadas a fim de evitar tal crime.

## Conclusão

Estas são algumas reflexões, as quais este texto pretendeu levantar. Acredita-se na possibilidade de se defender e criar modelos de desenvolvimento sustentável para esta intervenção.

E que leve em consideração o incremento da qualidade de vida das populações e o

seu envolvimento no processo de tomada das decisões que as afetem, no respeito pela sua identidade, pelos seus valores culturais, pelo seu meio- ambiente e pelo patrimônio histórico e edificado.

É importante ainda que haja a denúncia das assimetrias e do esquecimento a que tem estado voltada toda esta vasta unidade geográfica piauiense e uma oposição ativa e frontal a qualquer forma de alienação abusiva, extensiva ou gratuita, de sua paisagem cultural, aqui exemplificado com o caso da cidade histórica de Amarante.

Faz-se necessário que medidas sejam tomadas urgentemente para evitar tal crime ao patrimônio cultural piauiense e nacional. A magnitude do acervo de Amarante não pode ser destruída de forma tão impiedosa, apagando da memória um documento edificado, exemplar único do urbanismo e da arquitetura brasileira.

## Referências

AFONSO, Alcilia; MORAES, Michele de. **Arquitetura Piauiense**. Teresina: Edufpi, 2009.

BARRETO, Paulo T. **O Piauí e sua arquitetura in Arquitetura Civil**. São Paulo: FAUUSP, 1975.

NUNES, Odilon. **Súmula de História do Piauí**. 2ª. Edição. Teresina: Ed. Academia Piauiense de Letras, 2001. **Perfil dos Municípios**. Teresina: Fundação Cepro, 1992.

RODRIGUES, Joselina Lima Pereira. **Estudos Regionais do Piauí**. 2ª ed. Teresina: Ed. Halley S/A, 2001.

SERRA, Geraldo. **Pesquisa em arquitetura e urbanismo. Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SILVA, Alberto da Costa e. **Em defesa de Amarante: Crime Ambiental e Cultural**, publicado em 26 de março de 2010. Disponível em <[http://cirandinhapiaui.blogspot.com/2010/03/em-defesa-de-amarante\\_26.html](http://cirandinhapiaui.blogspot.com/2010/03/em-defesa-de-amarante_26.html)>. Acesso em 29/out./2010.

SILVA FILHO, Olavo Pereira da. **Carnaúba, pedra e barro na Capitania de São José do Piauí**. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2007.

VIANA, Francisco. **Semar acompanha estudos para implantação de hidrelétrica**. Publicado em 06 de março de 2007, Disponível em <<http://www.piaui.pi.gov.br/novo/materia>>. Acesso em 29/out./2010.